OS PATIFES TAMBÉM FAZEM HISTÓRIA

O ano de 2024 foi palco de um ressurgimento do mal em todos os setores. A guerra na Ucrânia prosseguiu com o seu lote de vítimas civis; o conflito israelo-palestiniano reacendeu-se com uma intensidade estarrecedora, mobilizando atores regionais, com um assustador risco de escalada. A eleição presidencial voltou a colocar Donald Trump na ribalta, cujas mentiras são uma afronta à inteligência americana. Em particular, os casos mundanos mais sórdidos invadiram os média e as redes sociais.

O caso de Mazan tirou da sombra um banal génio do mal, Dominique Pelicot, delinquente reincidente que encontrou como *truque* drogar a sua mulher para a fazer ser violada por dezenas de homens. Drogando mesmo a própria filha. É preciso imaginar este personagem a agir conscientemente por motivos obscuros, mentindo à mulher e às pessoas ao seu redor, inventando-lhe uma doença para explicar os seus problemas de memória… As revelações em torno deste caso abalaram de tal forma a opinião pública que vieram à luz manifestações de solidariedade.

O mal existe por todo o lado à nossa volta. Tem os seus autores: pessoas que utilizam os seus recursos inesgotáveis para pequenos ou grandes benefícios. Não é, evidentemente, uma novidade. Se recuarmos no tempo, saltam-nos à vista casos marcantes.

Regressemos à Idade Média. Desde a sua implantação na Europa Central, os guerreiros húngaros não cessam de hostilizar os seus vizinhos. Com o tempo, as suas incursões tornam-se mais longínquas, mais duradouras (1) e também mais cruéis. Devastam a Europa Ocidental. Da impotência dos reis para proteger as suas terras resultam o saque das abadias, o massacre das cidades e dos campos. Os raros exércitos que tentam enfrentá-los são esmagados. Tão poderosos e rápidos com a sua cavalaria, parecem ser mais numerosos, maiores e mais fortes do que realmente são. Matando sistematicamente homens, jovens e idosos, reduzem as mulheres e as crianças à escravidão.

Em 937, prosseguem com os seus ataques até França onde, semeando o pânico, levam tudo à sua passagem. A horda conquistadora inflete depois para sul, atravessa os Alpes e lança-se sobre a Itália. Um saque exorbitante, grandes carroças cheias a abarrotar, segue a sua cavalaria. Os guerreiros arrancaram o ouro dos lugares de culto, profanaram os altares e violentaram os sacerdotes.

Em 955, o seu chefe Bulcsú lidera uma nova expedição. Mas, desta vez, Otão I, rei da Germânia, consegue derrotá-lo e matá-lo. Isto assinala o fim das razias sanguinárias deste povo que, a partir de então, se sedentariza.

No entanto, o medo não desaparece dos espíritos. Os húngaros são descritos pelos cronistas da Idade Média como uma provação diabólica enviada do céu. Como evidência, a sua pele escura e a sua indumentária de combate inteiramente em couro, que dá a entender que não conhecem o trabalho da terra. São monstros inumanos, como os Hunos que tinham invadido o Império Romano cinco séculos antes.

Estes *hongres* imiscuíram-se no nosso imaginário através das histórias que se contam a seu respeito desde o século X para assustar as crianças e despertar os crentes. Gradualmente, os *hongres* tornaram-se os ogres. Sim, os ogres da nossa infância são uma herança dos Húngaros, nessa época chamados *hongres*. As suas incursões aterradoras modificaram a nossa história, levando à construção de castelos e muralhas para proteger as cidades e à melhoria da arquitetura das abadias. Mas entraram, sobretudo, na memória coletiva devido à brutalidade dos seus ataques.

Tal como os ogres dos contos de Perrault, encarnam o mal absoluto de uma época. Matando crianças, devorando as reservas e roubando todos os bens preciosos. Egoístas, cruéis, insaciáveis…

*

Cada época definiu assim os seus critérios para julgar mulheres e homens, para falar do bem e do mal, do que é positivo e admissível e do que não o é. Personalidades eminentes encarnaram a transgressão desses limites fixados pelas sociedades, civilizações e povos. Estes maus génios afetaram a história de uma forma duradoura: mobilizando os seus contemporâneos, incutindo-lhes uma visão do mundo que, sob pretextos mentirosos ou errados, os arrasta para um pendor em contradição com os seus próprios valores; provocando reações que visavam dominá-los ou detê-los.

Os maus fizeram o mal. Os assassinos em massa, Átila, Gengis Khan, Estaline ou Hitler, ultrapassaram conscientemente os limites, quebrando deliberadamente os tabus para semear o terror. Sabiam que tomavam decisões contrárias à moral da sua época. Para a ela escapar, os seus discursos saíam da norma, escarneciam das grandes referências. Afirmavam criar uma nova civilização, diferente, que justificava os massacres: Grande Império, *Reich* de mil anos, Sociedade socialista…

Tentaram também dissimular os seus crimes. Os grandes malfeitores usaram tanto o sigilo que por vezes subsistem mistérios. O seu poder é rodeado de zonas de sombra onde se escondem os executantes, os braços-direitos, os conselheiros, os *maus génios* — no outro sentido da expressão —, aqueles que murmuram ao ouvido do chefe para o incitar a cometer atos reprováveis. Assim, foi Lavrenti Beria, um dos conselheiros-sombra de Estaline, entre os que puseram em prática as purgas em massa e as operações de liquidação dos cúlaques.[1]. O seu carácter glacial e frio no uso do poder é partilhado por outros atores. Himmler adotava a mesma atitude quando apoiava Hitler na implementação da repressão política e da Solução Final. No entanto, é sabido que este

[1] Camponês abastado no tempo czarista e da União Soviética, que segundo a propaganda estalinista explorava os camponeses pobres. Durante o processo de coletivização levada a cabo por Estaline foram perseguidos, deportados e mortos. *[NR]*

último, na intimidade, sofria fisicamente da culpa gerada em si pelas suas decisões criminógenas (2).

Nem todos os génios do mal são psicopatas, alheios a quaisquer restrições sociais. Gengis Khan, o conquistador, não era completamente livre nos seus atos e sofreu a pressão da sua *entourage*. Teve dificuldade em se desembaraçar daqueles que o ajudaram a chegar ao poder, sobretudo os membros da sua família, quando estes se tornaram um incómodo no exercício da sua autoridade. A sua mãe ordenou-lhe que poupasse o irmão, enredado numa conspiração, e o imperador cedeu para não a fazer sofrer ainda mais. No entanto, perante cidades que lhe resistiram, não hesitou em ordenar o massacre sistemático dos habitantes, a título exemplar.

O historiador não pode, portanto, tal como os cronistas, limitar-se à ideia de que estes malfeitores são monstros inumanos e desprovidos de razão. A investigação sobre os carrascos ensinou-nos que os atores (*täter*), os que cometem o massacre (*perpetrators*), os assassinos, não funcionam de modo diferente dos outros seres humanos (3). A sua passagem ao ato responde a justificações longamente amadurecidas, com a fabricação de um sistema de crenças que lhes permite justificarem-se aos seus próprios olhos. O assassino em massa norueguês Anders Behring Breivik explicou, após a sua detenção, que precisou de se colocar fora de si e desumanizar as suas vítimas para poder disparar sobre elas.

Esta questão psicológica da passagem ao ato atravessa todas as épocas e percorre as diferentes culturas sob a forma de motivações e lógicas de ação. Alguns grandes assassinos, como Gilles de Rais na Idade Média, Ted Bundy na era dos *hippies* ou Daria Saltykova no século XVIII, parecem, é certo, retirar um prazer perverso dos seus atos: torturar, bater, matar, ver o sangue correr… A embriaguez da dominação é um ponto comum a muitos destes génios do mal. Como não a relacionar com a ideia de omnipotência e com o conceito de gozo tal como a psicanálise o conceptualizou (4)? Mas as emoções dos malfeitores não são todas semelhantes. Alguns parecem mesmo não sentir nada, de tal forma é inabalável a sua impassibilidade. Do mesmo modo, a tolerância das sociedades confrontadas com a sua violência nunca é exatamente a mesma. A lentidão das reações para os deter pode surpreender ou até

assustar. Por vezes, foram necessários anos e anos para pôr termo às suas ações nocivas. O pior são os dirigentes, imperadores ou ditadores que transmitem aos seus herdeiros os frutos dos seus crimes, construindo regimes políticos delinquentes: tiranias romanas e orientais ou Estados autoritários e totalitários.

*

Se recuarmos às primeiras sociedades humanas, surgem desde logo limites recorrentes. As violências extremas contra o próximo são, em geral, desaprovadas e, por extensão, também as de um indivíduo contra a sua própria população. Quando ocorrem, os assassinos têm de apresentar fortes justificações. Se a argumentação falhar, é real o risco de pagarem com a vida essas transgressões. Mesmo as violências contra outros, quer se trate de estrangeiros quer de subordinados, são alvo de contestação e conhecem limites, impostos pela economia ou pela demografia. Por outras palavras, quando há falta de braços, as liquidações em massa correm mal.

O caso dos Astecas é altamente significativo (5). Obcecados pela eficácia e pela produtividade, os dirigentes astecas conceberam um modelo de sociedade em que o sacrifício da sua própria população era exaltado na religião. Tal como o Sol teria sacrificado deuses para recuperar o vigor, a sociedade matava os seus num grande ritual se estes se recusassem a trabalhar ou apresentassem comportamentos antissociais. O sacrifício humano regulava o grupo. Mas não apenas isso: compensava a fuga constante das energias espirituais e materiais e assegurava a sua regeneração.

Nesta sociedade, os guerreiros apropriavam-se dos bens dos adversários e capturavam os vencidos para que o clero depois os oferecesse em sacrifício. A execução tinha lugar no quadro de uma grande festa dedicada a um deus, pois todos reclamavam o seu holocausto. Todos, exceto Quetzalcóatl, que o rejeitava. Aí reside um indício de que esta prática religiosa não era totalmente consensual. De facto, o sistema entra em crise quando outros grupos, para além dos guerreiros e dos sacerdotes, passam a poder aceder ao sacrifício para afirmar o seu poder. É o caso dos ricos que emergem a partir do século XV. Ao realizarem sacrifícios

humanos durante as festas, afirmam a sua potência e obrigam as outras castas a fornecer ainda mais seres para sacrificar para manter o seu estatuto. Os guerreiros multiplicam assim os conflitos para encontrar novas vítimas; caso contrário, acabariam por assassinar membros do seu próprio grupo… Para que os sacrificados se integrem no ritual, são privados de sono e de alimento durante vários dias. Depois, administram-lhes estupefacientes. Perdem a lucidez em danças hipnóticas. O punhal neles cravado é tido como sendo o mediador com o além para a regeneração. O facto de ser necessário drogá-los e enfraquecê-los mostra que os riscos de recusa, ou mesmo de fuga, são reais e previstos. Na verdade, este sistema inscreve-se na historicidade deste povo. Os mitos evocam um tempo em que não era praticado, antes de Tezcatlipoca, o deus da noite e da morte, oferecer esta solução, no momento em que o império se constitui.

A sociedade aceita globalmente a lógica do sacrifício em nome da religião, matando os inúteis ou os improdutivos. Para honrar o deus da chuva, arrancavam-se as unhas às crianças antes de as matar. O objetivo era que chorassem muito, sinal anunciador de que o ano teria muita água… (6) Para a festa do fogo, eram os adultos que eram atirados, amarrados, para um braseiro, depois retirados da fogueira com um gancho, colocados sobre a mesa do sacrifício e, por fim, mortos… Estas torturas recordam certas práticas do Antigo Regime em matéria de justiça: seres esmagados na roda, esquartejados, enforcados, antes de serem queimados… Compreende-se que os vizinhos dos Astecas se tenham sentido aliviados com o desaparecimento deste império, tal como, sem dúvida, os Europeus se sentiram aliviados com o fim da Santa Inquisição.

A permanência de algumas características globais do mal questiona o relativismo moral atual. E se existisse uma forma de universalismo fundamental neste domínio? E se o tabu do incesto, identificado por Lévi-Strauss em todas as sociedades humanas (e em toda a parte transgredido), coexistisse com outros, mais furtivos, que só se exprimem em crises agudas (7)? A continuidade e a dimensão mundial do tema assim o sugerem. Tanto mais que sabemos agora que o incesto é acompanhado de lógicas de dominação e de transgressão dos valores que definem

os contornos de um mal radical (8). O escândalo desencadeado pelo notável livro de Camille Kouchner, *La Familia grande*, mostrou até que ponto a nossa época conhece ainda tais desvios. Incesto e poder continuam ligados, em prejuízo dos mais fracos.

Naturalmente, o mal não se limita à questão do assassínio, do genocídio ou da tortura. Estes últimos constituem, de facto, uma das suas formas maiores, na medida em que produzem efeitos massivos na história. Este tipo de mal, longe de ter desaparecido, é infelizmente ainda atual, como o atestam, na atualidade, os acontecimentos em África, no Médio Oriente e até na Europa, com os bombardeamentos de populações civis na Ucrânia.

Mas outros malfeitores provocaram eles também verdadeiras transformações históricas. Os homens de negócios corruptos, os hábeis burlões, como Charles Ponzi, que está na origem de uma reformulação completa do sistema de controlo financeiro americano. Outro exemplo: os delinquentes sexuais, passados para o primeiro plano desde o movimento #MeToo. Sucessivamente, os casos Epstein, Matzneff ou Duhamel suscitaram uma intensa comoção e levaram a repensar a questão central do consentimento nas relações amorosas e sexuais. Foram precedidos pelo caso Dutroux, que colocou no centro do debate a problemática da proteção da inocência das crianças. Por fim, a explosão das *fake news* com Donald Trump, desde 2016, as ingerências russas na vida das democracias ou ainda a utilização dos dados digitais para manipular as opiniões, põem em causa a rejeição da mentira na vida humana, mentira condenada desde os primeiros sistemas mitológicos. A verdade, soberana desde Sócrates, vê-se assim ameaçada.

Este livro pretende, portanto, levantar a questão do mal na sua diversidade e complexidade: dos assassinos aos mentirosos, passando pelos inúmeros burlões, saqueadores e genocidas. Não se situa de modo algum num plano moral. Não deve ser entendido nem como uma teologia nem como uma filosofia, mas antes como uma história, uma observação de contextos diferentes em que a rejeição de uma ação praticada por uma pessoa traz a jogo um juízo sobre o que aconteceu. O objetivo é esclarecer as nossas próprias categorias à luz do passado e

mostrar como se formou a nossa análise dos campeões das trevas, dos génios do crime: dos diabólicos, em suma.

*

Os carrascos e os malfeitores são tão numerosos que nem todos podem figurar neste livro. Fui, portanto, obrigado a proceder a uma seleção, a uma hierarquização. Como critério principal, retive o papel histórico dos protagonistas. É por isso que alguns assassinos em série, por vezes inovadores no crime, foram postos de lado, pois a sua detenção não abalou a ordem das coisas nem modificou os procedimentos de investigação. Do mesmo modo, gigantes como Napoleão poderiam aqui ter figurado. O *pequeno cabo* goza, com efeito, de uma reputação extremamente negativa em certas regiões do mundo, como na Grã-Bretanha, ao mesmo tempo que tem admiradores, inclusive em países adversários, como a Rússia. A sua ação foi complexa e multifacetada: dramática no plano da escravatura nas colónias, mas liberal nos países libertados dos seus soberanos. Inseri-lo neste livro teria imposto reservar também um lugar para Jorge III, o rei de Inglaterra, hostil à independência dos Estados Unidos da América, contra quem travou uma guerra dura. Os conquistadores da América Latina também poderiam figurar entre estes dramáticos assassinos. Mas, na sua época, muitos eram tratados como heróis, gloriosos exploradores: Cristóvão Colombo, Hernán Cortés… Foram necessários numerosos trabalhos retrospetivos para que o ponto de vista dos ameríndios fosse tido em conta e a sua ação catastrófica revelada. Estaa ambiguidade levou-nos a preferir um exemplo mais recente de colonização sangrenta: a missão Voulet-Chanoine.

Muitos ditadores, com métodos clássicos de terror, foram igualmente descartados, pois, apesar da sua marca na história local, a sua contribuição para a evolução do mundo foi muito limitada.

O mesmo se aplica às suas esposas, muitas vezes figuras de grande colorido, como Imelda Marcos, viúva do presidente filipino Ferdinand Marcos, mas simples reflexo de uma voracidade frequente nos corredores do poder. Outras mulheres ainda, responsáveis por uma violência radical, como Jiang Qing, companheira de Mao, poderiam ter figurado

nesta obra, se o seu marido não fosse já objeto de um capítulo. Esta *princesa vermelha* aproveitou, de facto, a Revolução Cultural e a velhice do marido para proceder a terríveis purgas. Preferi, por isso, Asma El-Assad, que prova que a educação mais completa não é garantia contra o egotismo e a crueldade.

Tratava-se também de evitar a repetição fastidiosa de um mesmo motivo demasiado presente na história global. Assim, todos os ditadores comunistas poderiam ter figurado na obra, tal foi o peso do seu sombrio legado sobre o planeta: Fidel Castro, homófobo, intolerante, causador de fome e torturador; os Ceaușescu e a sua *Securitate*; Chávez e Maduro, que esvaziaram um país da sua população e transformaram os cemitérios no último refúgio dos necessitados. Entre os liberais, destaquei o caso de Pinochet, cuja personalidade explode a céu aberto com a ditadura. Mas outros seriam possíveis, como Videla, na Argentina, trágico fantoche que desencadeou a Guerra das Malvinas. Sem esquecer a família Duvalier, que tenta refazer uma virgindade no Haiti, fazendo esquecer a ditadura de Papa Doc depois de Baby Doc, certamente mais brandos do que as extravagâncias de Barbecue, esse líder de gangue cujo nome resulta do seu método para matar os adversários…

É provável que algumas categorias tenham sido subestimadas. Os roubos, por exemplo, remontam à origem da humanidade. Já na Roma antiga, Bulla Felix tornou-se lenda ao escapar às perseguições das autoridades e ao tirar aos ricos para dar aos pobres. Utilizava um vasto serviço de informações. Mas o seu impacto na evolução da história permanece muito limitado, como sucede frequentemente com os ladrões. Fazem as manchetes, dão origem a livros e filmes, como Cartouche ou Dillinger, alimentam uma mitologia, mas são mais produto de uma história do que um ponto de partida. Foi o caso dos bandos napolitanos após a unificação de Itália, soldados desmobilizados do exército do Reino das Duas Sicílias que atuam na década de 1860. Este banditismo manifestava tanto uma adaptação económica como uma tensão identitária no quadro do novo Estado. A criminalidade respondeu, nesse contexto, a uma mudança política (9).

Do mesmo modo, os crimes de ódio, nomeadamente em torno da orientação sexual, são também produto do desfasamento entre as

instituições políticas e religiosas e as transformações dos costumes da sociedade. O caso da homossexualidade, considerada crime punível com enforcamento até 1861 no Reino Unido e cuja despenalização só ocorreu em 1967, ilustra bem os atrasos da lei. Nos Estados Unidos da América, o assassínio de Harvey Milk, em 1978, revela a mesma tensão. Na mesma época, a França era tolerante face a estes comportamentos. No século XIX, era mesmo considerada um refúgio para as suas vítimas, razão pela qual Oscar Wilde aí encontrou asilo após os seus julgamentos. Mas, com a Segunda Guerra Mundial e a aplicação da legislação nazi na Alsácia e na Mosela, desenvolve-se uma verdadeira política punitiva contra os homossexuais. Evocamo-la indiretamente através da instauração do sistema concentracionário.

O leitor não encontrará, portanto, aqui uma espécie de *hit-parade* completa das piores figuras da história humana, mas antes matéria para alimentar uma reflexão sobre a evolução do mal e daqueles que se colocam ao seu serviço.

No fundo, não são só os heróis que fazem a história. Celebramos as figuras tutelares: Sócrates, filósofo da verdade; Joana d'Arc, heroína da libertação na Guerra dos Cem Anos; Gandhi e a sua luta pela não-violência na descolonização; Harriet Tubman e o seu papel na abolição da escravatura; Simón Bolívar, libertador da América Latina; Marie Curie e os seus contributos científicos… São eles que encontramos nos livros de História.

No entanto, as figuras negativas desempenham um papel não menos importante. Estimulam reações e obrigam a clarificar as opções das sociedades humanas. Ao fazer condenar Sócrates, o rico Ânito cria um mártir da verdade ao serviço da filosofia. Muda profundamente o pensamento mundial. Em suma, os patifes também fazem a história!

*

E as mulheres no meio disto tudo? Serão elas tão diabólicas como os homens? É certo que, nos relatos mitológicos antigos, cometem tantas loucuras como eles. Mas, nos factos, o número de génios do mal no feminino é muito inferior ao dos homens. A avaliação numérica é difícil de efetuar. As estatísticas dos séculos XX e XXI mostram que as

mulheres delinquentes constituem uma minoria do total. Consoante os crimes e delitos, representam apenas entre 5 % e 20 % dos malfeitores (10). Pouco presentes nos crimes sexuais, são mais numerosas nos furtos sem violência e nas burlas. No conjunto dos crimes e delitos, a parte média imputável às mulheres situa-se em torno dos 17 %. As mulheres *génios do mal* devem atingir esse valor.

A razão principal reside, sem dúvida, no facto de as mulheres terem tido, durante muito tempo, menos acesso às alavancas do poder e, por conseguinte, menos possibilidades de exercer o seu peso na história ao agir mal. Esta diferença continua a verificar-se hoje em dia. No setor da manipulação das opiniões através de dados extraídos das redes sociais ou da frequência de sítios da Internet e de plataformas, elas são uma minoria face aos homens. É certo que manipular não é matar. Contribui, no entanto, para corroer a verdade e para afastar mulheres e homens do real, com o risco de, a prazo, desencadear o regresso do nacionalismo e do imperialismo que tanto mal provocaram na Europa. Entre estas manipuladoras de ponta, pode citar-se a arquiteta do Brexit, Victoria Woodcock, sem a qual a saída do Reino Unido da UE não teria sido possível. Dominic Cummings, antigo conselheiro do primeiro-ministro e ator principal do referendo, afirma que foi ela que, graças ao seu uso da tecnologia informática, conseguiu extrair os dados para lançar os temas adequados e tocar os eleitores no momento oportuno. Ou ainda Brittany Kaiser que, depois de ver os seus dados pessoais do Facebook obtidos pela Cambridge Analytica, onde trabalhava, decidiu mudar de lógica e lutar doravante contra as técnicas de *marketing* furtivo. Estas mulheres que jogam com os processos da manipulação são herdeiras de outras, mais radicais, que no passado contribuíram para fazer a história, mais para o pior do que para o melhor. Ímpias e assassinas no seio da própria família, como Atália, a heroína da peça de Racine; autoritárias e infanticidas à maneira de Wu Zetian; ou fascinadas pelos efeitos do veneno, como Gesche Gottfried.

Uma outra figura poderia ter sido escolhida, pois, no seu tempo, a esquerda fez dela um catalisador de ódio: Margaret Thatcher. Era a época em que o cantor Renaud tecia louros às mulheres para melhor

denunciar a primeira mulher primeira-ministra do Reino Unido. Ela destruíra o poder sindical, deixara morrer Bobby Sands e os seus companheiros de greve da fome, liquidara cadetes argentinos afundados no *General Belgrano*, um navio-escola… Tudo isto por causa das pequenas ilhas Falkland. Na Alemanha e em Itália, o seu papel na União Europeia era criticado. Mas como fazer o seu retrato? O seu mito é ainda hoje tão forte. Ela encarna a figura que travou o declínio britânico.

A questão do juízo à época e na posteridade é, sem dúvida, a mais difícil de ter em conta. Pois os historiadores têm a tendência lamentável de reabilitar as figuras do mal com o passar do tempo. As suas motivações são modificadas, atenuadas. Os seus males são comparados com os de outros génios do mal. Os dramas que causaram são relativizados, minimizados, transportados para um estado suportável. Como se a violência perdesse força com o tempo. Como se, em história, os anos desempenhassem o mesmo papel que o número de quilómetros na informação: de quão mais longe vem a notícia, mais elevado tem de ser o número de mortos para que um assunto seja tratado.

Gengis Khan? Um grande estratega, capaz de se adaptar. As mortes que causou? Um efeito da sua política de conquista e da sua cultura das estepes. Quase se diria *normal*! Os húngaros? Precisavam de um tempo de adaptação. E acrescenta-se que os cronistas que viviam nas abadias traduziam o medo perante a diferença religiosa. Alguns regimes políticos jogam também com a releitura do passado e com o revisionismo. Os nacionalistas turcos, por detrás de Erdogan, apresentam Enver Paxá, o oficial turco considerado um dos instigadores do genocídio arménio, como ignorante do que se passava sob a sua autoridade. A Turquia faz hoje dele um marcador de identidade, quando, no dia seguinte à Grande Guerra, o mesmo país tinha condenado esse dirigente à morte à revelia, por esse mesmo motivo, entre outros.

Outros grupos põem em causa a própria existência dos crimes. Este revisionismo atinge, por exemplo, a condessa Báthory, agora apresentada como vítima de um complô imperial por causa do seu modo de vida e da sua orientação homossexual (11). O mesmo se passa com Gilles de Rais, que teria sido vítima de um processo político orquestrado pelo duque da Bretanha, desejoso de recuperar as suas terras e os seus bens.

Estas contestações traduzem, talvez, uma forma de incredulidade perante as atrocidades cometidas. Se se minimiza o mal e as violências, ou mesmo se se as contesta por completo, o passado e a espécie humana parecem mais aceitáveis.

Nesta história dos génios do mal, de resto, os julgamentos e as suas justificações, mesmo quando resultam de um complô, dizem muito sobre aquilo que cada época considera o mal absoluto. O massacre de crianças e de jovens raparigas, eis o que justificava condenações à morte, suscitava uma vaga de reprovação e legitimava a eliminação de membros da alta nobreza.

É por isso que os textos que se seguem insistem em momentos e personalidades que abalaram a nossa história. Não se trata de biografias, mas dos pontos salientes de uma forma de expressão do mal.

A divisão em cinco partes parte dos tempos longínquos em que a história dava os seus primeiros passos. Nessa época, sociedades animistas, depois politeístas, tinham uma conceção do mal bastante diferente da nossa. Progressivamente, desenha-se a ideia de uma força negativa quase absoluta, que se manifesta nos comportamentos humanos, desde a violência ilegítima até à mentira, passando por toda a espécie de más ações. Esta evolução atinge todas as grandes civilizações, como o salientou Karl Jaspers com o seu conceito de período axial para definir os anos entre 800 e 200 antes da nossa era (12). Uma época que vê a criação do homem e da técnica tais como os conhecemos.

Abre-se depois um tempo em que o mal se difunde, porque pode finalmente ser nomeado. Nasce a denúncia do seu domínio, ao mesmo tempo que atores de primeiro plano começam a chafurdar nele, pois recusam qualquer limite moral, político ou espiritual ao seu poder.

Em seguida, a entrada na política de massas modifica a conceção global do mal. Coloca-se então a questão dos regimes políticos, que se torna, mais tarde, obsessiva através das ideologias. Estas matrizes do século XX combinam-se com trajetórias individuais. O império do mal parece difícil de conter, enquanto o mundo inteiro passa a ter dele uma visão juridicamente coerente. Por fim, mais perto de nós, o crime de massas continua a desdobrar os seus horrores, apesar de ser conhecido e reconhecido. Este mal contemporâneo espanta tanto quanto

é evidente para todos. No entanto, continua a angariar adeptos e a encontrar justificações. A sua mais terrível astúcia reside numa forma de relativismo que inventa falsas equivalências e coloca no mesmo plano atores, vítimas e carrascos. Esta magia do verbo abre confusões e facilita a recomposição perpétua do horror. Como se os limites e as instituições estabelecidos para a salvaguarda coletiva tivessem, em cada época, de ser ultrapassados. É este o movimento fascinante que vos convido a seguir.